

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

O MEU CAMÕES

Desde os meus tenros anos que Luís de Camões é meu camarada, meu mestre e meu amigo. Um Camões galante e indómito que me deslumbrou em rapaz; um Camões sereno e amargurado, cuja companhia na maturidade me conforta e ensina.

Ao lado deste Camões verdadeiro, figura o Camões falso dos nacionalistas que o forçaram a ser símbolo patriótico e bandeira para as guerras de várias doutrinas e partidos: fizeram dele o Poeta da Independência, o Poeta da Raça, o Poeta do Império, o Poeta da Liberdade, o Poeta da Unidade – e quantos mais lábaros nele aporá o futuro? Até se serviram de versos d’*Os Lusíadas* para afervorar guerras coloniais em África! Há leitores, uns com razões eruditas, outros por ideológicos preconceitos, e alguns até genuinamente por gosto literário, que o dividem ao meio – o Camões Épico e o Camões Lírico; e há também os que veneram o Poema e desprezam o autor; uns, porque era libertino, *trinca-fortes*, envolvido com vadios e mulheres de baixa casta; outros, porque era fidalgo, arrogante, de preconceitos aristocráticos, paladino do imperialismo prepotente, ou colonialismo.

O pouquíssimo que se sabe de Camões justifica que cada um faça a sua ideia pessoal do Poeta, afeiçoe a imagem do homem pelas cordas que ele move na sua sensibilidade. O último biógrafo, José Hermano Saraiva, começa a sua biografia: «Documentos autênticos sobre a vida de Camões, documentos originais e indiscutidos, daqueles que ninguém põe em dúvida, sabe-se de sete: o perdão do Rei pela cutilada na cabeça de um empregado do Paço em dia do Corpo de Deus de 1552, o privilégio da publicação d’*Os Lusíadas* e o alvará da tença de 15 000 réis durante três anos; os outros quatro são prorrogações do prazo da tença.»¹ Quer isto dizer que documentos com elementos biográficos diferentes há três, os outros são repetições. Os mais importantes, os dois primeiros, são já mencionados por Faria e Sousa na sua edição das *Rimas*², em 1585.

¹ José Hermano Saraiva, *A Vida Ignorada de Camões*, Europa-América, 1978

² Manuel de Faria e Sousa (já em 1585 havia encontrado dois dos documentos acima mencionados), *Rimas Várias de Luís de Camões*, comentadas por, I, p. 11, reprodução da Imprensa Nacional, 1972

Sobre estes três fiapos de verdade apurada, e assentes na interpretação arbitrária dos versos mais esquivos da nossa língua, eruditos, férteis alguns em fantasia, pobres todos em imaginação, têm arquitectado as biografias mais mirabolantes.

Pedro de Mariz, o primeiro biógrafo que escreveu mais de Camões, nas palavras que antecedem a edição d’*Os Lusíadas* de 1613, portanto a 33 anos da primeira edição, afirma que Camões pertenceu à «nobreza do melhor sangue que Portugal produziu» e que residia «em corte». Porém, no mesmo volume, o intróito do editor escreve que o livro é de «autor humilde». O intelectual português, romântico por índole, ama a grandeza – e a versão da fidalguia de Camões prevaleceu até Aquilino Ribeiro, mesmo para aqueles que antipatizam com a nobreza e por isso o atacaram³.

O segundo biógrafo, Manuel Severim de Faria, apontou o caminho aos futuros biógrafos – procurar desvendar a vida de Camões «em seus versos, onde ordinariamente os poetas deixam escritas suas vidas». E Severim desatou a pendurar nos versos camonianos as mais peregrinas fantasias: das «serenas águas do Mondego» extraiu a conclusão de que o autor estudou em Coimbra⁴.

O último biógrafo seiscentista, Manuel de Faria e Sousa, no intróito biográfico a *Os Lusíadas*, em 1639, e às *Rimas*, que concluiu dez anos mais tarde e só foram publicadas em 1685, trouxe as achegas mais importantes, que depois de desacreditadas por Carolina Michaëlis, por razões ligeiras, começam a ser devidamente valoradas pela crítica actual.

Depois destes, muito se tem escrito e inventado sobre Camões, mas, de novo, apenas hipóteses. Só Juromenha acrescentou alguns dados reais, constantes dos documentos autênticos que descobriu nos arquivos. Aquilino Ribeiro sumula: «tudo o que se diz dele, amores com princesas, frequência do Paço, estudos de Coimbra, primores de fidalguia, são invenções risíveis de devotos.»⁵

Com o desenvolvimento da erudição e dos métodos científicos de que ela hoje dispõe, o fabulário da vida de Camões tem vindo a enriquecer. Diogo Paiva de Andrade havia inventado uma paixão de Camões por D. Catarina de Ataíde – a famosa Natércia – que teria surgido durante a missa em certo dia na Igreja das Chagas, onde nessa data ainda se não dizia missa. Teófilo Braga inventou uma donzela de olhos verdes, que seria

³ Eis um remoque azedo de Camões, que dir-se-ia provindo dum complexo plebeu: «Príncipes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza; fazem, com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não há trigo tão joeirado que não tenha alguma ervilhaca.» (Carta I)

⁴ Manuel Severim de Faria, *Discursos Vários Políticos* (1624, 2ª edição 1971)

⁵ Vide Aquilino Ribeiro, *Luís de Camões – Fabuloso, Verdadeiro*, Bertrand, I vol. s.d.

sua prima, Isabel Tavares. O sábio e severo Prof. José Maria Rodrigues fantasiou que a amada de Camões foi a princesa D. Maria, irmã de D. João III. Está na lógica – a alto poeta, alta dama. Carolina Michaëlis de Vasconcelos teceu todo um drama familiar: a mãe do Poeta morreu de parto, o pai casou segunda vez e deu ao filho uma cruel madrasta, etc. – tudo isto sobre uma pequena base: a expressão «materna sepultura».

Em nossos dias, Hermano Saraiva, baseado em duas estâncias omitidas n' *Os Lusíadas*, quer convencer-nos de que Camões é bastardo, e talvez cristão-novo, e convence-nos, de facto, de que é plebeu – até que surja outro erudito com melhores provas. Saraiva, desfiando muito competente e fastidiosa exposição genealógica, avança ainda a curiosa tese de que a primeira e principal musa dos amores inspirados e fatais foi Violante de Andrade, mulher de D. Francisco de Noronha, que foi embaixador de D. João III em Paris de 1540 a 1544. (Quando casaram tinha ela 12 ou 13 anos e o marido mais de 30; Camões era mais novo do que ela dois anos). Saraiva tem mesmo a dita de haver descoberto – pelo menos assim o crê – um retrato de Violante na Capela de Algodres. Porém, o idílio amoroso, que durante a ausência do marido foi duma felicidade inefável, começa a consumir de ciúmes o enlevado amante logo que o marido regressa; e além disso, a infiel «fermosa fera humana», que o iniciou nos mistérios do amor, recusa-se-lhe e dispersa-se por novas aventuras. E aqui Hermano Saraiva adentra-se numa tese mais atrevida – Camões, sem deixar de amar Violante, apaixonou-se pela filha, Joana. Camões concebe a ambição de casar com a tenra menina, apenas saída da infância, e a mãe dela, que fora ama bondosa, amante enternecida e protectora de Camões, passa a mover-lhe uma perseguição implacável⁶.

A tese de Hermano Saraiva revela sem dúvida louvável imaginação e engenho na colação dos textos. É mais uma e oxalá não seja a última para entretenimento de lusófilos e pábulo de eruditos. É assim que se renova a investigação científica e mantém viva a memória dos escritores. Devemos estar-lhe gratos.

Há autores que pensam, como José Maria Rodrigues, que as poesias de Camões só podem ser devidamente apreciadas e «só revelarão o seu valor artístico quando soubermos, até aonde isso seja possível, em que circunstâncias foram escritas e a quem se endereçavam». A questão do valor do conhecimento biográfico para a interpretação da obra é velha, e não a podemos discutir melhor do que fizeram franceses e ingleses.

⁶ José Hermano Saraiva, op. cit. p. 155. No livro *A Casa de Camões*, de Maria Pereira da Costa e outros, além de crer-se encontrada a casa de Camões em Constância, descobre-se a Camões mais uma amada, de nome Isabel Freire.

A mim, a razão que me convence é a exposta por António Sérgio – espírito conciso de admirável claridade num país de homens verbosos e confusos – «é o valor artístico uma virtude intrínseca, independente das circunstâncias em que nasceu a obra e por isso apreciável de maneira completa por quem saiba lê-la com critério estético (ou filosófico) e não biográfico»⁷.

Para a interpretação e gozo da poesia de Camões não temos alternativa – ou a apreciamos, baseados em ficções que cada nova geração de eruditos invalida, ou procuramos arrancar directamente do opulento e variado caudal poético as profundas emoções e espirituais encantamentos que ele oferece. Tanto mais profunda e rica será a nossa colheita quanto mais larga for a nossa sensibilidade, mais rica a nossa imaginação, mais alta a capacidade de compreensão do nosso intelecto.

Estamos perante um poeta da mais vasta gama emotiva, da mais lúcida razão, da mais poderosa imaginação na nossa língua. Numa literatura essencialmente subjectiva como a portuguesa, pobre de imaginação, embora muito rica de fantasia, onde os poetas rimam composições abstractas e deambulações vagas, e os romancistas, salvo uma ou duas excepções, amanhã romances sem arquitectura nem personagens, em que no teatro não existe drama e a literatura moral ou mística não excede a pregação, a figura de Camões campeia pela sua poderosa imaginação de coisas concretas, pela portentosa capacidade de arquitectar o drama dum povo, pelo forte poder do debate dos grandes problemas morais, pela agudeza da observação das capacidades e fraquezas da alma humana, e particularmente do carácter português, pela fluência do discurso intelectual e pela subtil e profunda dialéctica que mostra na análise da multiforme vida do amor. Ao contrário da literatura vaga e neutra que a seguir a ele vem, tudo neste homem é força e construção. E a valência positiva do que realizou, ressalta no contraste com o pouco que dele aprenderam os que o seguiram. Como acontece frequentemente na história, o que os sucessores foram buscar a Camões não é o fundamental, mas o acessório: a forma, a prosódia, a toada épica que deu nessa intolerável mania do poema épico que alastra a literatura portuguesa de cadáveres durante dois séculos. E nem sequer vem equilibrar essa bélica retórica o contraste do riso saudável dum hílare poema herói-cómico.

É legítimo pensar que este abarroamento épico pode ser, entre outras, causa de não existir na literatura portuguesa o sentimento trágico. É verdade que o drama entre nós é

⁷ A tese de José Maria Rodrigues é desenvolvida na *Lição Inaugural da Cadeira de Estudos Camonianos*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1925, p. 31; a de António Sérgio vem nos *Ensaio*s, Seara Nova, 1934, vol. IV, p. 14.

frouxo e débil; mas é estranho que as alturas épicas atingidas pel' *Os Lusíadas* não tenham provocado uma ressonância trágica, dado que estas duas expressões da superação do espírito são paralelas e, segundo sérios autores, desde Aristóteles a Geörgy Lukács e a Karl Jaspers, estão ligadas por uma íntima contiguidade⁸.

Também na lírica a continuação da herança camoniana não é mais notável – fora Bocage, que seguiu Camões com a marca da forte personalidade do seu génio – por dois séculos não é possível sair duma aridez pasmosa. A sombra de Camões só deixou de pesar quando os grandes escritores românticos e realistas buscaram inspiração em ideias europeias e souberam recorrer de novo à imaginação concreta e levantar – uns mais, outros menos, enraizados no húmus nacional – criações que fizeram do século dezanove o maior da nossa literatura. E a força genuína e vital da obra camoniana só nos nossos dias será verdadeiramente reencontrada. Fernando Pessoa, na sua dialéctica do amor, na congeminação subtil dos movimentos da emoção baseada numa análise altamente intelectual, é um discípulo directo de Camões. Até hoje, no meu ver modesto, é o único genuíno discípulo de Camões, aquele que lhe continua o espírito poético, na lírica e na épica, pouco aproveitando das formas, que são transitória expressão de gostos temporais.

Tive a sorte rara de ler Camões em vários países da Ásia. Li-o na gruta de Macau. Li-o no Japão de Mendes Pinto; recitei-mo baixinho perto do Eufrates e do Mecong; li-o na ilha de Moçambique, bela e serena, que para ele foi dura e falsa; li-o em vários lugares do mundo por onde ele deixou em pedaços a vida repartida. E li-o no mar, levantando de quando em vez os olhos pensativos sobre o mistério imenso das águas. E também o li no alto do Talegre transmontano, contemplando serranias de onde os maiores navegadores partiram, não podendo resistir ao apelo do mar, o que é mistério ainda maior.

Ora, ler Camões em tão vários lugares não é o mesmo que fazer a leitura em Lisboa, à escrivantina, num quinto andar. Lá sente-se, no fundo do nosso ser, a universalidade dum espírito e a grandeza do povo que o gerou. E encontra-se a verdade do homem que nos faz a sua confissão, às vezes por palavras revolvidas e obscuras, cujo sentido é desvendável pela identidade provinda duma funda simpatia humana. Nos

⁸ Em minha opinião, na tragédia *A Castro* não existe verdadeiro sentimento trágico. Esta opinião é discutível, como é discutido que *A Castro* seja mais do que uma tradução retocada da *Nise Lastimosa* de Jerónimo Bermúdez, como afirma Roger Bismut (*Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1977, p. 583). Acerca da natureza do sentimento trágico, vide Karl Jaspers, *Tragedy is not enough*, Trad. R. Moore e K. Deutsch, Londres, 1953, e Geörgy Lukács, *Die Theorie des Romans*, Berlim, 1920.

países da Ásia por onde andei, sente-se e imagina-se mais vivamente a figura do homem torturado pela misteriosa incerteza do destino, que cria heróis no impulso épico de abarcar a grandeza do homem à sua maior altura, que positivamente crê e espera no destino do seu povo, mas que desespera de ver que tudo no esforço humano rui, destruído por uma fatalidade igual àquela que faz falhar todos os seus próprios esforços, deixando-lhe apenas a aspiração obstinada e límpida de construir uma obra. Peregrinando pela Ásia, senti a fraternidade do aventureiro corajoso e enamorado de mulheres estranhas e de estranhas paisagens, sempre ávido de levantar os véus do mistério que encobre as almas femininas, e de conhecer o homem na sua diversidade. Na terra nativa eu senti perto o homem pobre e culto, com muita humanidade, lançando do torrão largas vistas sobre o mundo do seu tempo, que como raros compreendeu, movido por impulsos emotivos que frequentemente colidiam com a sua lúcida razão, com um alto sentido da grandeza do seu povo, férvido de entusiasmo e idealismo, tendo pouco disso a que os bem instalados na vida, ou ambiciosos de sê-lo, chamam senso prático. Foi esta falta que o fez andar aos baldões da sorte; ou seria antes porventura a sua irreverência, a sua indiferença perante a riqueza, o seu desprezo pelas convenções e superficialidades duma sociedade fútil; foi certamente ainda o alvoroço de embarcar no rastro luminoso da aventura que no seu século atraiu ao Oriente aos milhares e milhares os portugueses mais ousados. O meu Camões é um aventureiro irreverente, altivo e bravo que de ora em quando se recolhe em profunda meditação a ponderar a sua experiência, que depois decanta em versos que lhe saem da pena com uma facilidade assombrosa, articulados com uma rara musicalidade, com o discrição mais lúcida em que a emotividade e a razão se combinam em clássica harmonia.

Eis aí os motivos por que o meu é outro Camões – encontrei-o nos seus versos e nas terras por onde andou –, o homem vivo, nas várias fases da sua existência errante.

Primeiro, o moço enamorado, atrevido, quase insolente, nos prazeres de galanteador, despreocupado a rimar com natural facilidade, e já com esmero, composições onde a forma e os conceitos convencionais do amor cortesão revelam uma ínsita alegria e um prazer jovial de viver sem cuidado:

Nos seus olhos belos
tanto amor se atreve
que abrasa entre a neve

quantos ousam vê-los.

O ritmo brincado mostra a despreocupação do jovem poeta. Para não faltar ao voto convencional de dedicação até à morte, é capaz de jurar levianamente:

Eu só por amores
não sei falar dela
sei morrer por ela.

Mas este protesto soa superficial – o moço, aqui, como noutras poesias que depois compõe, apenas ama o amor, por prazer e sem cuidado.

Quem dirá que nos versos desta ligeira cantiga há mais que jovial galantia?

A vossa galantaria
matará a quem falardes;
tendes uns desdêns e tardes
que eu logo vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
também desses olhos verdes.

E mais fútil se mostra ainda ao propor este tema duma cantiga:

Enforquei minha esperança
mas Amor foi tão madraço
que lhe cortou o baraço

embora a maneira por que o glosa seja dum travesso humor.

É impossível determinar a data em que Camões escreveu as suas poesias e até o número destas⁹, mas o tom delas mostra, facilmente, se foram ou não compostas em fase de mais ou menos maturidade e sobretudo se de profunda preocupação.

⁹ A edição das *Rimas* de 1595-1598 reuniu pouco mais de uma centena de sonetos; Alves da Cunha aumentou-lhe uma centena; Juromenha subiu o número até uns 350, Teófilo Braga até 400. E ainda hoje Costa Pimpão não encontra um critério firme para estabelecer um número fixo, e é verosímil que no futuro mais composições venham a ser classificadas de camonianas. Incertezas semelhantes existem quanto a muitos passos do texto.

Na fase primeira, sem cuidados graves que lhe sofressem o ardor amoroso, situa José Hermano Saraiva a Canção VII na última versão que em cores de extrema subtileza canta em lirismo encendido a primeira experiência de amor físico: «Eu vivia do cego amor isento...»

Porém, o entusiasmo e o êxtase puro, o enlevo na natureza sempre radiosa, dada em pinceladas alacres, começam a desvanecer-se a partir de certo momento em que um sofrimento secreto se instala para sempre na sua alma. A perda de um olho, para um rapaz novo, presunçoso e galante, deve ter sido fonte duma dor profunda. Mais tarde, já na idade madura, na Canção X, dolorosamente falará no que naturalmente o complexa:

(e neste escudo meu
a pintura verão do infesto fogo)

Profundamente trágico é o sentido destes versos, como que envergonhadamente recatados entre parêntesis. Deles se desprende uma profunda mágoa, num traço breve que surpreendentemente nenhum biógrafo realçou no significado profundo que reveste a confiança mais dolorosa da sua confissão biográfica¹⁰. Esta pungente mágoa passa a imbuir numa sombra de melancolia, e em maior profundidade, a sua lira. Os dissabores e desenganos, o tratamento cruel com que o destino continua a persegui-lo, com amores traídos, erros ou injustiças que o levam três vezes à prisão, temperam a sua alma, fortificam-na sem a tornarem amarga. Um humanismo profundo alenta agora a sua voz:

Erros meus, má fortuna, amor ardente
em minha perdição se conjuraram (...)

Tudo passei (...)

¹⁰ Referência directa ao seu defeito físico, parecendo tristemente com ele brincar, é feita na redondilha “A uma Dama que lhe chamou cara sem olhos”:

Sem olhos vi o mal claro
Que nos olhos se seguiu
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro.

De olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam,
Não vos vendo, olhos não são.

Errei todo o discurso dos meus anos

E numa confissão de serena desesperação que só se atinge no cume de muito sofrer:

Que poderei do mundo já querer,
que naquilo em que pus tamanho amor,
não vi senão desgosto e desamor,
e morte, enfim; que mais não pode ser?

Pois vida me não farta de viver,
pois já sei que não mata grande dor,
se cousa há que mágoa dê maior
eu a verei; que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar, m'assegurou
de quanto mal me vinha; já perdi
o que perder o medo me ensinou.

Na vida desamor somente vi
na morte a grande dor que me ficou:
parece que para isto só nasci.

Na canção X, tão rica em elementos autobiográficos, conta a sua evolução desde rapaz, ardendo em amores, pueris quase, que passados anos, sob um signo infeliz, o levariam à desilusão acerba:

Quando vim da materna sepultura
de novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado (...)

Assi criado fui, porque bebesse
o veneno amoroso de minino,
que na maior idade beberia,

e, por costume, não me mataria

Logo então vi a imagem e semelhança
daquela humana fera tão fermosa,
suave e venenosa,
que me criou aos peitos da esperança

Nos prazeres e tormentos do Amor vai passando parte da vida, cujo curso «se
converteu no gosto de ser triste».

Destarte a vida noutra fui trocando;
eu não, mas o destino fero, irado,
que eu ainda assi por outra não trocara.
Fez-me deixar o pátrio ninho amado,
passando o longo mar, que ameaçando
tantas vezes me esteve a vida cara.
Agora experimentando a fúria rara
de Marte, que cos olhos quiz que logo
visse e tocasse o acerbo fruto seu.
(e neste escudo meu
a pintura verão do infesto fogo);
agora, peregrino vago e errante,
vendo nações, linguagens e costumes,
Céus vários, qualidades diferentes (...)

A piedade humana me faltava
a gente amiga já contrária via
no primeiro perigo; e, no segundo,
terra onde por os pés me falecia (...)

Enfim, não houve transe da fortuna
nem perigos, nem casos duvidosos,
injustiças daqueles, que o confuso
regimento do mundo, antigo abuso,

fez sobre os outros homens poderosos,
que eu não passasse, atado à grã coluna
do sofrimento meu (...)

Estas palavras decantadas duma dolorosa experiência, na sua serenidade admirável, revelam uma grande maturidade espiritual. Não sobe aqui a considerações abstractas sobre como Fortuna, Caso, Tempo e Sorte «têm do confuso mundo o regimento», nem desce ao desespero de outro soneto maldizendo:

O dia em que nasci, morra e pereça,
não o queira jamais o tempo dar (...)

que este dia deitou ao mundo a vida
mais desgraçada que jamais se viu.

No final da sua humana experiência, Camões eleva-se a uma total serenidade que exprime em passagens admiráveis, tanto nos poemas líricos como no épico.

Camões conheceu larga gama da vida mais variada e mais incerta. A aventura de europeu na Ásia; a experiência da guerra, do poder, da crueldade; a presença da traição, da inveja e da manha; o sabor da fome e da miséria deram-lhe um cabedal de vivências raro. A sua profunda cultura e a convivência com os grandes autores habilitavam-no a ver claro nesse complexo mundo, e a formar juízos serenos. Este lastro cultural, aliado à dolorosa experiência, permitiu-lhe ver lucidamente dentro de si próprio, analisar os seus sentimentos, meditar sobre as estranhas mudanças da sua alma, do mundo incerto, do destino constantemente adverso. O prazer do discurso intelectual eleva a sua dialéctica, sobretudo na dissecação do amor, à mais fina subtileza e sagacidade. Esta sageza tão raramente alcançada não é suficientemente forte para o iluminar a escolher um caminho justo. Lamenta os erros passados, mas repete-os e comete outros maiores; nos seus últimos anos volta a ser preso, e regressa a Portugal sem ter poupado um ceutil para a velhice. Apesar de aconselhar os outros com grande sageza, está longe de ser um homem sage. Foi a sua espontaneidade, esse incondicional dar-se à vida, exaurir o presente de todo o seu sumo de prazeres, na emoção e no pensamento, entregue apenas e por inteiro a desígnios superiores e altos ideais humanos, que fizeram dele um grande poeta e um homem infeliz, falhado no consenso do homem comum – afinal todos os

grandes poetas são cidadãos falhados e o que menos se entende é que o vulgo os faça grandes poetas: dão ao homem vulgar o que lhe falta para iluminar a existência – a poesia. Incontinente e excessivo, exime de laços e de respeitos humanos, homem de desmesurados defeitos e virtudes, aventureiro de terra em terra e mar em mar, passando de diva em diva e amando sempre com o mesmo ardor, o seu esteio reside na sólida cultura clássica que não se sabe ainda como adquiriu, no humanismo substancial que dá à obra esse equilíbrio perfeito que o homem na vida nunca atingiu e dir-se-ia até ter desdenhado. Homem exemplar do Renascimento, ao mesmo tempo erudito e vagabundo, como o foram Dante e Maquiavel, exaltou o homem até ao de lá das suas capacidades humanas. Atingiu as linhas da acção e do pensamento, tentado pela maior grandeza humana. O seu canto é uma exortação a que todos atinjam os cimos – no amor e no valor. O ideal renascentista do homem inteiro, elevado ao cume do seu poder, pela inteligência, audácia e bravura, é n’*Os Lusíadas* que totalmente se realiza.

Na lírica, Camões desfere as mais variadas notas do seu estro elevando o canto às tonalidades mais puras e desenrolando a congeminação do pensamento às sinuosidades mais complexas e subtis. Mas é no seu tom épico que reconstrói o homem e o eleva à sua suprema grandeza. N’*Os Lusíadas*, o amor ocupa um primacial lugar, mas não é mais que ancilário da construção épica, assente, ela, numa síntese viva da História. Aqui a profundidade da confissão é substituída pela vastidão da matéria colectiva. No homem, não só o espírito é grande, também o corpo é poderoso. A síntese de ambos é admiravelmente atingida no simbolismo rico da Ilha dos Amores; aí, os espíritos exaltados e engrandecidos pela acção satisfazem a fome de amor carnal no corpo belo das deusas. E estas nada se parecem com as mulheres magramente espirituais e pálidas da pintura medieval, são fortes e sensuais como as virgens de Rafael.

Creio que fui o primeiro a realçar o valor humano do erotismo n’*Os Lusíadas* e o sentido da projecção do amor físico no plano heróico¹¹. E dou-me conta agora de que não reparei então neste importante pormenor: não é na lírica, mais abundante em amor, que Camões exalta o amor erótico, mas sim no poema épico. Isto só pode significar que o amor erótico é a forma mais completa de exaltação do homem heróico, que se entrega

¹¹ Armando Martins Janeira, “Camões na Literatura Mundial”, na revista *Garcia de Orta*, 1972, é surpreendentemente o único estudo que põe em relevo, breve e sobriamente, o valor estético do erotismo n’*Os Lusíadas*. No primeiro dos seus *Três Ensaios de Interpretação Crítica*, José Régio alude à forte sexualidade de Camões. Hernâni Cidade, em *Camões Lírico*, notou a «poderosa sexualidade» de Camões. Mas nenhum deles viu o aspecto construtivo do erotismo como elemento artístico. António José Saraiva, pudibundo, quase se escandaliza com o erotismo camoniano. Nenhum destes críticos, porém, viu no Canto IX aquilo que autores clássicos japoneses consideram o «saudável esplendor da carne».

pleno na alma e no corpo à Natureza criadora, na corrente de forças cósmicas que o elevam à universal harmonia.

Este alto estado de maturidade exprime-se na alta perfeição moral a que o Poeta aspira e que n' *Os Lusíadas* exprime em mais densos e elevados conceitos. Aqui não se limita a lamentar piedosamente a sorte dos pobres, antes protesta e condena em voz combativa, propugnando pela justiça social. Aí exalta a justiça, e o direito que a ela têm os pequenos, louva a rectidão do proceder, e verbera os tiranos e os ladrões do bem público¹². A sua diatribe é como que um julgamento do povo. Investiu-se do papel de cantor de heróis e de homens justos; por isso, jura que não empregará o seu estro a cantar:

(...) quem o não mereça
Nem por lisonja louve algum subido

Independente e ativo, encara o seu papel de vate dum povo como missão sagrada a que a sua consciência da grandeza histórica o ergueu:

Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Immigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;

Nenhum que use de seu poder bastante
Pera servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, também cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,

¹² Vide António Sérgio, “Camões Panfletário”, *Ensaios*, IV, p. 115 s.

Por contentar o Rei, no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo!

Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Pera taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa.

VII, 84-86

Da violência destes versos se mede quão profundo é o ódio de Camões a esses ambiciosos do dinheiro e altos cargos, de que se servem para satisfazer as suas ambições e os seus vícios; aos cortesãos severos que aplicam a lei com rigor cruel («de rigorosas leis desaliviai-os») e aos que espezinham e roubam o pobre povo para agradar ao Rei e engrandecer-se a si próprios; aos que sem humana compaixão exploram o suor da «servil gente». Camões, homem lídimo, lutador pela justiça social, está do lado dos que trabalham sinceramente pelo seu povo e o engrandecem com grandes obras:

Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
(...)

VII, 87

Por vezes, esses meritórios filhos da pátria não são reconhecidos por ela, recebem «galardão injusto e duro». Muitas vezes se vêem:

(...) altos peitos

A baxo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
(...)

X, 23

E a violenta diatribe de Camões não poupa nenhum dos grandes e poderosos:

E vê do mundo todos os principais
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê neles que não tem amor a mais
Que a si somente, e a quem Filáucia insina;
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo, caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade.
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

IX, 27, 28

Homem superior, desprezando a riqueza – mas não as honras que nunca teve e decerto com viso às quais batalhou – pelo seu conhecimento dos homens observa à sua volta a sociedade corrompida pela ambição do dinheiro. Vê que o dinheiro:

(...)

Faz tredoros e falsos os amigos;
(...) a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginalis purezas;
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências;

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis.
(...)

VIII, 98, 99

Estes juízos tinham autoridade para declarar um homem que dedicara a inteira existência a aumentar o nome de Portugal, e que no fim de incessante luta regressava de 17 anos do Oriente – donde outros vinham carregados de ouro – com as mãos vazias e o coração cheio de amarguras. Desse longo episódio acidentado, em que – sem descer às atrozes misérias de Mendes Pinto, nem alçar-se à sua prosperidade doirada – sofreu humilhações e desespero, pode oferecer a sua serena meditação:

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

O homem corajoso e limpo de alma – na sua mais alta expressão, o herói não se deixa vencer pelo sofrimento e é nas asperezas da má fortuna que prova o metal da sua vontade.

Destarte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baxo trato humano embaraçado.
(...)

VI, 99

Munido de farta experiência, de longo meditar sobre as vicissitudes da pátria, roído de negras apreensões, acerca do futuro de Portugal, e do seu povo, Camões sente-se com autoridade para oferecer conselhos ao jovem Rei D. Sebastião:

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente.
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
(...)

IX, 93, 94

O Poeta tem a esperança de insuflar um pouco de bom senso ao desbridado monarca nefelibata, esse «inexcedível pedaço de asno» que no entender de Sérgio, e no modesto meu, foi el-rei D. Sebastião, geralmente odiado, segundo D. Jerónimo Osório,

pela despudorada protecção a favoritos medíocres, pelo seu alheamento dos negócios do Estado e seu desprezo do povo miúdo.

Camões quer atalhar com o bom conselho dum homem independente e probo:

(...)

Os mais exprimentados levantai-os,
Se, com a experiência, tem bondade
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo tem das vidas o talento:

(...)

Os Cavaleiros tende em muita estima,

(...)

(...)

Tomai conselho só de exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

X, 149-152

E o desassombro e a coragem moral de Camões não hesita em dizer duras verdades ao Rei e lançar-lhe atrevidas e francas censuras como António Sérgio energicamente venceu: «o verdadeiro pensamento de Camões, a sua atitude perante o Rei, não parece difícil de determinar: a de severa admoestação». Faria e Sousa foi o primeiro a notá-lo: «reprende en la cara al Rey Don Sebastián».

Oh quanto deve o Rei que bem governa
de olhar que os conselheiros ou privados
de consciência e de virtude interna

e de sincero amor sejam dotados!

Culpa dos reis, que às vezes a privados
dão mais que a mil que esforço e saber tenham!

Nestas afirmações que condensam a alta sabedoria dum homem amadurecido por muita experiência dos homens e sofrimento da desventura, se pode conhecer o profundo e universal humanismo que Camões atingira nos últimos anos da sua vida.

Esta sageza e profundo humanismo vão além do patriotismo e do acanhado sentimento nacionalista, com que iniciou a escritura do poema e que a lição da vida o levou a superar.

Falei-vos do *meu Camões*, com quem tenho passado muitas horas na intimidade, como com um amigo. Não pretendo ter sido admitido à sua intimidade mais do que qualquer um de vós. O seu convívio está aberto a todos que o procurem com humildade e desejo de aprender as grandes coisas da vida que o artista de génio, melhor que nenhum outro homem, sabe desvendar.

(Armando Martins Janeira apresentou o estudo “O Meu Camões” numa conferência à comunidade portuguesa, em 9 de Junho de 1949, na Embaixada de Portugal em Londres. O autor fez uma versão resumida daquela conferência e é essa versão que aqui apresentamos.)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.